
André Letria

diz que

ler nos faz sonhar tudo o que quisermos

O André Letria nasceu em Lisboa em 1973 e cresceu a ouvir o som das cantigas e poemas inventados pelo pai, o escritor José Jorge Letria. Já nessa altura o desenho era uma das suas brincadeiras preferidas e depressa se transformou em profissão. Hoje, além de ilustrar textos para crianças de muitos autores (inclusive do seu pai), o André gosta de se sentar no dorso do Pato Lógico para experimentar diferentes formas de voar e de fazer livros.

Quais eram as suas brincadeiras preferidas em criança?

Essa é uma pergunta difícil; para já porque me obriga a pensar muito para trás, a fazer um esforço de memória grande... Uma das razões por que isso me custa um bocadinho é, talvez, por ter tido uma infância tão banal, tão vulgar, que as coisas foram passando sem que eu fixasse alguma coisa em especial. Eram as brincadeiras normais, provavelmente, com as crianças da escola: jogar à apanhada, às escondidas... Não me lembro de mais nada de especial. Uma das coisas que sobressaem mais – provavelmente porque as pessoas mo lembram constantemente – é aquela facilidade de desenhar que me acompanhou até hoje e que me levou a fazer o que faço, trabalho de ilustração. De resto era tudo bastante vulgar.



Pedro Macedo - Framed Photos

Cresceu com um pai que escreve histórias, poemas e cantigas para crianças. Isso influenciou-o a escolher a profissão de ilustrador? Que profissões queria ter em pequeno?

Sim, essa partilha com o meu pai dos livros, histórias e das viagens que fazia com ele necessariamente

.....

teria de levar a qualquer coisa deste género. Acho que esse convívio com as coisas que ele fazia, com os livros que escrevia, acabou por ter uma influência grande neste percurso da infância até à adolescência. As coisas se calhar podiam ter mudado a partir do momento em que, como é natural, há um afastamento maior – os adolescentes acabam por se afastar mais dos pais e ter outros interesses. A verdade é que sempre me dei muito bem com o meu pai e tive uma relação próxima com ele; aquilo que partilhei na infância acabou por ficar marcado e se calhar foi isso mesmo que me levou a este caminho também ligado aos livros. As coisas que partilhava com o meu pai não tinham só a ver com as histórias para crianças – aliás, não me lembro de o ter tido a contar-me histórias ao lado da cama para adormecer; não é uma recordação que tenha ficado presente, provavelmente porque nunca existiu muito. Mas ele fazia outras coisas, contava-me outras histórias e, talvez mais importante do que isso, partilhava comigo as coisas que fazia no dia a dia. Entre as coisas de que me lembro melhor estão as idas para o trabalho quando ele era jornalista, profissão que já não exerce. Outra coisa que me marcou bastante foram as viagens para os concertos. Mesmo que não fossem os concertos infantis, que também fazia, mas os outros, aqueles que vinham do pós-25 de abril, quando era pequeno. Acabámos por partilhar muitas viagens que às vezes até se misturavam com férias ou fins de semana; foi uma partilha muito intensa a desse tempo em que ele cantava. Isso fez-me conhecer muitas pessoas diferentes, que não tinham a ver com os livros, tinham outras experiências, muito ligadas à política, o que de certa forma acabou por moldar a minha personalidade. Claro que os livros também entram na minha vida por causa dele, da forma como ele escreve e da profissão que tem, de escritor, que começou como jornalista e depois se mostrou como poeta e autor de livros para crianças. As pessoas com quem ele se cruzou também tiveram alguma influência no que eu faço, de certeza absoluta. Muitos deles são autores para quem faço ilustrações; tudo isto está muito ligado. Há pouco dizia que a minha infância não foi nada de extraordinário naquilo que diz respeito à convivência com os colegas, foi banal, mas nesta outra parte não tanto. Provavelmente lembro-me mais das experiências que partilhei com o meu pai na sua vida profissional do que aquelas que partilhava na escola, com os meus amigos, no dia a dia.

Nessa altura que profissões queria ter, lembra-se?

Lembro-me de gostar de biologia – de pensar que podia ser biólogo – e também de a certa altura ter tido vontade de ser veterinário. Tudo o que fosse ligado a animais interessava-me, mas tudo isso desapareceu rapidamente, não foi nada que me tivesse levado a pensar seriamente num percurso desse género. Uma das explicações pode ter a ver com as disciplinas de ciências, que são se calhar um bocado mais complicadas do que as que acabei por seguir (nomeadamente a matemática), e que causam sempre alguns pesadelos a crianças que estudam pouco (era o meu caso). No liceu tive sempre algumas dificuldades com essas disciplinas e acabei por seguir a área das artes que não me livrava da matemática – felizmente, porque acho que é importante termos de passar por isso –, mas as consequências não foram boas porque chumbei a físico-química, tive de repetir e de atrasar a entrada na faculdade um ano... Talvez por causa disso, inconscientemente, as coisas ligadas à biologia e à veterinária acabaram por ficar pelo caminho, mas se calhar a principal razão foi porque, de facto, o que sempre me interessou foi desenhar e fazer coisas artísticas.

Se pudesse, por um dia, ter um nome feito a partir do seu livro *De Caras*, qual seria?

«Se pudesse» dá a entender que teria esse desejo, mas não sei se o tenho. Os nomes do *De Caras*

.....

são complicados, invulgares, e na minha experiência pessoal já sofri um bocadinho com alguns dos meus nomes. A começar pelo «Letria», que me deu problemas na escola: era alvo de gozo porque parece «aletria» e, portanto, chamavam-me várias vezes «arroz doce» e outras variações disso. O facto de ter alguns familiares conhecidos – o meu pai e o meu tio, pessoas que apareciam por vezes na televisão – também me tornou alvo de chacota de vez em quando (e algumas vezes de admiração, porque as pessoas que aparecem na televisão têm sempre alguma importância...). A verdade é que sempre tive o desejo de ter um nome simples e muito mais anónimo. Lembro-me até de em certa altura ter perguntado aos meus pais porque é que não me chamava Manuel Gomes da Silva ou qualquer coisa do género, que era muito mais discreto e evitaria que sobressaísse pelas piores razões na escola. Portanto se calhar preferia não trocar. Lembro-me que nesse livro há um Leopoldo «qualquer coisa» Calhau, o que me faz lembrar uma história engraçada com um amigo que conheci há pouco tempo, que veio ter comigo e disse «Epá, eu apareço no teu livro!» – de facto, chama-se Leopoldo «qualquer coisa» Calhau, que acerta em cheio numa das combinações que imaginámos. Imagino que também para ele, se andasse numa escola de Lisboa, não seria fácil – mas é alentejano, se calhar lá esta coisa passa de forma discreta, mas eu lembro-me que sofri um bocadinho em criança por esses motivos.

Para o livro *Não Quero Usar Óculos*, escrito pela Carla Maia de Almeida, ilustrou uma série de pares de óculos diferentes para ver coisas especiais. Se pudesse ter uns óculos desses, de que tipo escolheria, para ver que coisas?

Eu já uso vários durante o trabalho, no meu dia a dia. Eu acho que a profissão de ilustrador é exatamente poder ter esses óculos à disposição para poder ver as coisas de maneira diferente. Eu acho que o trabalho de ilustração só é bem feito se nós tivermos essa capacidade de transformar aquilo que vemos no dia a dia. Aquilo que olhamos normalmente, que vemos como realidade, deve ser transfigurado nos livros. Esse trabalho de transformação daquilo que vemos normalmente deve estar sempre a ser posto em prática quando ilustro. Aquilo que fiz para o *Não Quero Usar Óculos*, para além da minha interpretação do texto que ela escreveu, acaba por ser também quase como um retrato daquilo que é o trabalho do ilustrador.

Que tipo de óculos é que um ilustrador usa?

Um ilustrador usa os óculos que os textos lhe impõem ou sugerem. Aquilo que fazemos como ilustradores, normalmente, é a adaptação ou transformação, a partir do nosso olhar, daquilo que nos aparece num texto que existe previamente ao trabalho de ilustração. Não quer dizer que seja sempre assim, e o trabalho com a minha editora, a Pato Lógico, acaba por subverter um bocadinho essa ordem das coisas. Como sou ilustrador e editor, agora tenho esta possibilidade de imaginar as coisas antes do texto, e de pedir que o texto seja escrito de acordo com o que imaginei para o projeto – foi aliás assim que aconteceu com *De Caras e Estrambólicos*. Mas a verdade é que na maior parte das vezes, quando trabalho como ilustrador (e como aconteceu com esse livro da Carla Maia de Almeida), há um texto que aparece inicialmente e que tem de ser interpretado. Eu uso aqueles óculos de acordo com o que acho que deve ser a interpretação do texto – faço uma interpretação pessoal, mas estou sempre dependente daquela mensagem inicial. O segredo talvez seja transformar essa mensagem que aparece no texto numa mensagem com uma assinatura, com uma forma de ver própria, do ilustrador, para que o livro possa ser enriquecido nesse trabalho que junta a imagem e a mensagem escrita.

.....

Em alguns dos seus livros faz ilustração com muito poucas cores, como acontece em *Era uma Vez um Cravo*. Isso não torna o seu trabalho mais difícil?

O trabalho é sempre difícil porque não temos uma receita para que as coisas corram bem e exatamente porque estamos sujeitos a muitas formas diferentes de ver o mundo (que nascem da cabeça de vários escritores), há um esforço de adaptação constante. Cada trabalho que aparece a um ilustrador é sempre um desafio novo, diferente. Mesmo que trabalhemos repetidamente com os mesmos escritores, os temas que eles tratam são muito diferentes uns dos outros. A verdade é que o trabalho de ilustração acaba por ser feito de forma muito variada, porque estamos sujeitos a trabalhar com pessoas muito diferentes; raramente repetimos autores – no meu caso particular; já trabalhei com dezenas de escritores, cada um deles com a sua forma de ver o mundo, com o seu estilo e linguagem. Esse desafio de interpretar um texto põe-se constantemente, sempre que recebemos alguma coisa nova. Acho que isso acaba por ser um dos fascínios que esta profissão tem; vejo nisto uma vantagem porque sou obrigado a olhar para as coisas de maneira diferente. Claro que a desvantagem é estarmos sempre um bocadinho a trabalhar no fio da navalha: sem saber se conseguimos ou não, se o trabalho fica bem feito... Não é um trabalho cómodo ou seguro porque estamos sujeitos a muitos fatores externos à criatividade: os prazos, as questões técnicas de produção do livro... Temos de saber conjugar todos esses fatores e enquadrá-los na parte criativa, para que aquilo que vamos produzir, que vai ser impresso, transformado num livro e posto à venda nas livrarias, resulte em conjunto com a escrita. Esse é o desafio adicional: fazer com que as coisas pareçam uma só, que o livro funcione como um objeto único sem que se notem as fronteiras entre a escrita e a ilustração.

Os *Estrambólicos* estão entre as personagens mais coloridas que criou. De entre todos há algum predileto?

Não sinto sequer a necessidade de escolher um, até porque o objetivo do livro é baralhá-los ao máximo e deixar no leitor a ideia de que não existe nenhum que sobressaia, que a surpresa seja constante e a curiosidade se mantenha ao longo daquelas 4096 combinações. Talvez por haver esse número tão alargado de combinações me seja difícil pensar que exista um preferido – devem funcionar como mutantes constantemente, sempre prontos a serem combinados.

E cores preferidas, tem-nas?

Não tenho, acabo por ser um bocadinho levado pelos temas. Acho que é importante os livros terem uma paleta de cores que se adegue ao tema, que lhes dê alguma unidade na forma como vão ser trabalhados e lidos por quem estiver a pegar neles. Penso que essas escolhas são muitas vezes inconscientes – a forma como o trabalho se desenvolve nesse âmbito depende de muitas coisas que às vezes nem me apercebo que estão a ser postas em causa. Lembro-me de uma fase em que escolhia muitos castanhos, pretos e cinzentos e isso acabava por ser um desvio àquilo que as pessoas normalmente acham que deve acontecer nos livros para crianças. Tenho até peripécias engraçadas que se passaram com alguns clientes, pessoas para quem trabalhava que não eram editores, vinham sobretudo de agências de publicidade ou agências que fazem produtos de marketing infantil, que me pediam para não usar aquelas cores porque se achava não serem adequadas para as crianças. Muitas vezes entregavam-me uma proposta de trabalho onde vinha um briefing que dizia: «Atenção, não uses castanhos, pretos ou cinzentos!» Eu sempre achei aquilo muito estranho, para já porque punha isso em prática nos livros que fazia,

.....

que depois eram lidos e comprados por crianças e famílias, e, para além disso, tinha a experiência pessoal, das idas às escolas e bibliotecas, em que percebia que as crianças não faziam nenhuma diferenciação entre livros com tons mais sombrios e mais vivos. Pelo contrário, às vezes achava até que esses ambientes mais «pesados» faziam com que houvesse uma abordagem ao livro mais curiosa – se calhar com um bocadinho mais de receio, mas que incentivava e estimulava essa curiosidade. Por um lado tenho uma tendência para esses tons menos vivos e por outro lado, por ser uma coisa mais desafiante, gosto de os usar para perceber que até funcionam na prática.

Porque se quis tornar editor de livros e criar a editora Pato Lógico?

Sempre fiz trabalho de ilustração, e, apesar de não ser designer, havia uma necessidade natural de fazer esse trabalho para os livros que publicava como ilustrador, porque muitas vezes as editoras não tinham essa capacidade nem a estrutura que permitisse que o trabalho fosse feito como eu queria e com pessoas exclusivamente dedicadas a isso. A certa altura achei que devia fazer os meus próprios livros como eu quisesse. Acho que isso nasce naturalmente do desejo de qualquer pessoa criativa, que faz ilustração, de poder fazer um trabalho pessoal, sem interferências, e que possa levá-lo do princípio ao fim. Foi isso que esteve na base desta decisão de me tornar editor. Quis, a certa altura, fazer um projeto, pensado desde o início, que pudesse ilustrar, com texto escolhido por mim e que depois pudesse publicar aventurando-me neste meio das vendas, distribuições e livrarias, percebendo como é que poderia ser tratado um livro que eu imaginasse e concebesse desde o início. Acho que essa vontade de conhecer e participar no processo do princípio ao fim foi a principal razão. Há outras razões que ajudaram a que isto se tornasse uma realidade. O facto de o meu pai ter a atividade de escritor e de partilhar muitas vezes comigo a produção e conceção dos livros também ajudou a que isto fosse uma realidade, porque ele tem muitos textos inéditos, havia muitas ideias que tínhamos concebido e desenvolvido desde o início em conjunto. Com tanta matéria-prima disponível, achei que fazia sentido começarmos a trabalhar, convidá-lo para ser autor dos livros que eu queria fazer e assim nasceu o Pato Lógico. Tive desde o início a noção de que seria um trabalho complicado, porque ia entrar por áreas muito difíceis, que não dominava. Sabia bem o que era preciso fazer para ilustrar, sabia o que se podia ir fazendo em termos de produção gráfica, porque a minha experiência de vinte anos como ilustrador me permitiu conhecer alguns dos meandros desse trabalho, com as idas a gráficas e o contacto com designers. Faltava-me só perceber como funcionava o trabalho de distribuição e aquela parte essencial para que uma editora consiga sobreviver que é a das vendas – essa foi a mais complicada e não posso dizer que a tenha resolvido inteiramente porque os livros não se vendem o suficiente para que as pessoas enriqueçam (mas isso eu já sabia desde o início)... Havia essa vontade de ter qualquer coisa pessoal e isso eu consegui; mesmo não ficando rico – nunca foi o meu objetivo –, pelo menos posso ter a noção de como é fazer o trabalho do princípio ao fim neste meio editorial.

Ler é importante?

Ler é importante por todas e mais algumas razões. «Mais algumas» porque há tantas que é difícil imaginarmos todas e enumerá-las aqui. Imediatamente acho que ler é importante porque nos faz sonhar tudo o que quisermos através dos livros que vamos lendo. Os livros são uma fonte de aprendizagem imensa e acabam por nos formar como pessoas. Acho que uma pessoa leitora, que tenha esse hábito

.....

e consiga mantê-lo ao longo da vida, é mais rica porque partilha muitas mais coisas do que as outras pessoas que se mantêm afastadas dos livros. Isto para não falar das capacidades enormes que os livros nos dão para conseguirmos encarar a vida do dia a dia. Não é difícil imaginar que aquilo que aprendemos na escola, a forma como aprendemos a ler, a maneira como treinamos a leitura ao longo do tempo que passamos na escola (principalmente nos primeiros anos), nos ajuda a ter uma vida muito mais fácil daí para a frente. Para além disso, a capacidade do sonho que os livros nos dão é incomensurável. A prova disso – vejo-o nos contactos que tenho com as escolas, famílias, professores e pais jovens com crianças pequenas – é que, felizmente, essa noção de que a leitura é imprescindível está cada vez mais entranhada; as pessoas têm-na mesmo antes de as crianças entrarem para a escola e percebem a importância de as porem em contacto com os livros desde bebés. ■